# SOBRE A DEFINIÇÃO DAS PARTES DA QUANTIDADE DA EPOPEIA NA *ARTE POÉTICA* DE CÂNDIDO LUSITANO

**Letícia Barbosa Gonçalves**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-7666-4825
Endereço eletrônico: 202511672@uesb.edu.br

**Halysson F. Dias Santos**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2698-5034
Endereço eletrônico: halysson.acadêmico@gmail.com

**Palavras-chave**: Cândido Lusitano; disposição poética; gênero épico; partes da quantidade; preceptiva poética.

## INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa sobre a recepção de autoridades latinas na preceptiva poética portuguesa do século XVIII, com enfoque nos modelos épicos e nas doutrinas poéticas sobre a epopeia. Propõe um estudo sobre a definição das chamadas partes da quantidade da epopeia dada por Cândido Lusitano, pseudônimo de Francisco José Freire (1719-1773) em uma das seções do terceiro livro de sua *Arte Poética*, que, nos seus doze primeiros capítulos, trata da poesia épica.

No presente trabalho, as diferentes partes da quantidade não serão, por ora, estudadas, considerando suas particularidades, mas apenas tendo em vista sua distinção em relação às chamadas partes qualitativas da epopeia, a função que desempenham na composição de epopeias e a diferenciação entre partes quantitativas essenciais e acessórias. Em outros trabalhos, pretendemos tratar dos preceitos específicos referentes às partes da disposição dos poemas épicos presentes na *Arte Poética* de Francisco José Freire. Assim, ao tratar das partes da quantidade da epopeia, segundo a definição de Cândido Lusitano, o trabalho objetiva

oferecer uma primeira contribuição no sentido de descrever e analisar as apropriações de modelos épicos latinos nas prescrições a respeito da disposição de poemas épicos por parte do preceptista português do século XVIII.

O estudo foi realizado em diálogo com os trabalhos de Bobes et al. (1998), Berrio e Calvo (1999), Hansen (2008; 2013), Muhana (1997) e Vasconcelos (2014).

## METODOLOGIA

O estudo foi realizado mediante a abordagem da definição dada por Cândido Lusitano no quinto capítulo do Livro III da *Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral e de Todas as Suas Espécies Principais* de Francisco José Freire, publicado no Tomo II da segunda edição da obra (1759). Embora também trate das partes da quantidade do poema épico em outras seções do terceiro livro da *Arte Poética* (capítulos de 5 a 8), como já se disse, suas características não serão abordadas detalhadamente neste trabalho.

Assim, mediante o estudo da definição de "partes quantitativas" proposta por Cândido Lusitano em sua *Arte Poética,* na referida seção de seu tratado, intitulada "Das partes da quantidade da Epopeia; trata-se do título do Poema", buscou-se apresentar, em linhas gerais, o que se prescreve para a composição de epopeias no que diz respeito à disposição desse gênero de poesia, visando a uma posterior ampliação da abordagem do tema.

No estudo proposto, utilizamos uma cópia digital de um fac-símile do tratado de Francisco José Freire, obtida por intermédio de uma biblioteca digital.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos poéticos e retóricos produzidos em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII são regrados, seguindo preceitos que se aplicam a sua invenção, disposição e elocução (Hansen, 2013), é o caso dos poemas épicos (Hansen, 2008; Muhana, 1997). Essas regras de composição de poesia épica se fundamentam nas epopeias antigas, gregas e latinas, especialmente os poemas de Homero e Virgílio, mas também em modelos modernos (Bobes et al., 1998; Berrio; Calvo, 1999; Hansen, 2008; Muhana, 1997). Como afirma Vasconcelos (2014), os poemas épicos antigos apresentam elementos que, desde os poemas homéricos, se tornaram recorrentes na escrita de epopeias, isso fica evidente quando comparamos, por exemplo, *Os Lusíadas* de Luís de Camões com a *Eneida*, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Ainda que

apresentem diferenças quanto a suas respectivas disposições, esses poemas têm muito em comum em suas partes quantitativas.

Como demonstrou Hansen (2008), entre os séculos XVI e XVIII, as prescrições referentes à composição de epopeias distinguem as partes da qualidade das partes da quantidade do poema épico. Segundo o estudioso,

> As definições do gênero épico especificam que, assim como a tragédia, a epopeia tem partes da quantidade e qualidade. As de quantidade correspondem à materialidade do poema: *título, proposição, invocação, dedicatória, narração* e *epílogo*. As de qualidade são as mesmas da tragédia: *fábula, costumes, pensamentos* e *elocução* (Hansen, 2008, p. 45).

Ainda segundo Hansen (2008, p. 45), "Geralmente, os preceptistas propõem que a epopeia tem seis partes de quantidade: *título, proposição, invocação, dedicatória, narração* e *epílogo*. Dessas, duas são consideradas acessórias, a dedicatória e o epílogo".

Sobre as partes da quantidade, Ignácio Luzán, um dos mais importantes preceptisatas do século XVIII (Bobes et al., 2008; Berrío; Calvo, 1999), diz o seguinte:

> Las partes de cantidad de la epopeya se puden considerar: unas como precisamente necessárias; otras como no necessárias, pero usadas por algunos poetas. Las primeras son cuatro: el título del poema, que aunque se considera como parte suelta y fuera del poema, sim embargo no hay poeta que no le use; la proposición, la invocación y la narración, o sea el cuerpo del poema. Las partes que non son precisamente necesarias y que muchos poetas han omitido, son la dedicación y el epílogo (Luzán, 2008, p. 662).

As duas passagens convergem em relação à preceituação das partes de quantidade da epopeia. Ambas caracterizam essas partes como necessárias e não necessárias, definindo-as hierarquicamente. Assim, as partes consideradas indispensáveis ao poema serão: O título, a proposição, a invocação e a narração. Luzán assevera a importância do título, lembrando que não há nenhum autor que deixe de utilizá-lo, apesar de este ser considerado uma parte separada do corpo da epopeia, externa ao poema. Desse modo, a dedicatória e o epílogo seriam, como destaca Hansen, partes assessórias ou dispensáveis na epopeia. Luzán enfatiza esse caráter assessório ao apontar o fato de que muitos poetas omitem a dedicatória e o epílogo em suas obras.

No quinto capítulo do Livro III de sua *Arte Poética*, Freire define as partes da quantidade de modo sumário, para em seguida tratar das suas características, o que fará até o

oitavo capítulo deste livro. Segundo o preceptista português:

> Tem o Poema Epico as suas partes de quantidade, e nelas se distingue da Tragedia, concordando só com ella nas de qualidade. Humas destas partes são necessarias, outras não são precisas. As necessarias são quatro: o *Titulo*, a *Proposiçao*, a *Invocação*, e a *Narração*; as que não são precisas, são duas: *Dedicação*, e *Epilogo* (Freire, 1759, p. 186).

Neste excerto, é perceptível a similaridade entre a preceituação proposta por Freire (1759) e aquela que se encontra em Luzán (1737). Freire aponta para a distinção entre as partes de quantidade do poema épico e da tragédia. Assim como Luzán, Freire distingue as partes essenciais das partes assessórias da epopeia, sendo elas. O título, a proposição, a invocação e a narração são apontadas como necessárias, enquanto a dedicação e o epílogo são partes são consideradas secundárias ou acessórias.

Como caráter preceptivo, a definição de partes de quantidade apresentada por Freire é notavelmente similar à proposta por Luzán. A partir da comparação, pode-se observar o consenso normativo vigente na tradição preceptista do século XVIII, que se baseia em modelos antigos, gregos e latinos. Entre os modelos antigos que fundamentam o tratamento dado às partes da quantidade nessa preceptiva, como ocorre na *Arte Poética* de Cândido Lusitano, destaca-se a *Eneida* de Virgílio.

## CONCLUSÕES

No quinto capítulo do Livro III da *Arte Poética*, como se pode observar, Cândido Lusitano apresenta a definição e nomeia as partes da quantidade do poema épico, por um lado, distinguindo-as das chamadas partes qualitativas da epopeia e, por outro, contrapondo partes essenciais e partes não essenciais da quantidade. Desse modo, são consideradas partes essenciais da disposição desse gênero de poesia: o título, a proposição, a invocação, a narração.

O trabalho apresenta resultados iniciais de pesquisa. Os estudos seguem com vistas à produção de mais resultados para divulgação por meio de outros trabalhos. Buscar-se-á, nos próximos trabalhos, ao estudar as peculiaridades das partes da quantidade da epopeia de acordo com os preceitos da *Arte Poética* de Cândido Lusitano, discutir a apropriação de modelos latinos na preceituação da poesia épica.

## REFERÊNCIAS

BERRIO, Antonio García; CALVO, Javier Huerta. **Los géneros literarios**: sistema e historia (una introducción). Madrid: Cátedra, 1999.

BOBES, Carmen et al. **Historia de la teoría literaria II**: Transmissores, Edad Media, Poéticas Classicistas. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

FREIRE, Francisco José. **Arte Poética ou Regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico**. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1759. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Arte_Poetica_Ou_Regras_Da_Verdadeira_Poe/m1JKAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=francisco+jos%C3%A9+freire+arte+po%C3%A9tica&printsec=frontcover. Acesso em 13/06/2026.

HANSEN, João Adolfo. Introdução: notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan. (org.). **Épicos**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2008, v. 1, p. 17-91.

LUZÁN, Ignacio de. **La poética o reglas de la poesía en general y de sus principales espécies**. Zaragoza: Francisco Revilla Sancha, 1737. Disponível em: La poetica, ó, Reglas de la poesia en general, y de sus principales especies : Luzán, Ignacio de, 1702-1754 : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive. Acesso em 13/06/2026.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. **Épica I: Ênio e Virgílio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.